

ELEMENTOS PARA A HISTÓRIA DO NAZISMO NO BRASIL: A EXPERIÊNCIA RIOGRANDENSE

João Ribeiro Júnior

No início do verão de 1933, no majestoso terraço do Adlerhorst (Ninho da Águia), em Berchtesgaden, região dos Alpes Bávaros, onde estava sepultado Frederico II, o Grande (1712-1786), Adolf Hitler, brincando com seu dobermann de estimação, dizia ao industrial Hermann Rauschning, presidente nazista do Senado de Dantzig:

“Edificaremos uma nova Alemanha no Brasil. Ali encontraremos tudo o que for necessário” (**Hitler me disse**, p. 78).

Assim, em 1935, Hitler ampliou a **Auslands-Organization** (Organização-Exterior), cuja finalidade abrangia a congregação organizada e o amparo coletivo de todos os alemães residentes além das fronteiras do **Reich**. Para tanto, criou a verba de 262 milhões de marcos para a ação nazista no estrangeiro. A partir de então, em quase todos os países do mundo, onde se encontravam alemães, teve início o trabalho para atraí-los ao Partido Nacional-Socialista, com a organização de **Landesgruppen** (Grupo-países), chefiados por um **Landesgruppenleiter** (Chefe-de-país).

A atividade de tais grupos estendia-se por todo o território do respectivo país. Nos países onde o círculo de atividades era demasiado pequeno para a existência de um **Landesgruppen**, devido ao número reduzido de alemães ali residentes, existiam somente **Selstaedige Kreise** (Círculos Autônomos) ou então **Ortsgruppen** (Grupos Locais). Os chefes dos Grupos-Países, dos Círculos Autônomos e dos Grupos Locais estavam subordinados diretamente ao **Gauleiter** (Chefe máximo do Partido Nazista, que só era responsável perante o supremo chefe, Adolf Hitler), de cuja sede em Berlim, partiam todas as diretrizes e instruções.

Na América do Sul foram organizados **Landesgruppen** no Brasil, Argentina, Chile, Paraguai, Peru e Bolívia.

O **Landesgruppe-Brazil** (Grupo-país-Brasil) teve sede inicialmente no Rio de Janeiro, sendo que o primeiro **Landesgruppenleiter** foi o dentista Herbert Guss; mais tarde substituído por Hans Henning von Cossel, adido político-cultural da Embaixada Alemã, (A Alemanha mantinha duas representações no Brasil, a diplomática e a política, que era uma delegação do Partido Nazista), que transferiu a sede para São Paulo, e depois para o Rio Grande do Sul, onde a campanha nazista, já perfeitamente organizada, entrou em uma fase de intensa agitação.

No Rio Grande do Sul, núcleo da colonização alemã no Brasil, formou-se, de início, uma **Zelle** (Célula) e **Block** (Bloco) nos bairros, para a divulgação do Nacional-Socialismo, que aos poucos cresceram em **Ortsgruppen** (Grupos Locais), que representavam o Partido nas cidades; e finalmente no **Kreis** (Círculo), representante do Partido no Estado, chefiado pelo **Kreisleiter** Walter Horning.

A administração nazista da região ou do Estado se concentrava na chamada **Deutsches Hauss** (Casa Alemã), que após a proibição imposta por Getúlio Vargas, foi instalada nos consulados. (Em Porto Alegre havia uma **Casa Alemã** na rua Voluntários da Pátria, que era o centro de toda atividade nazista no Rio Grande do Sul).

O Nazismo passou então, de modo ostensivo, a estender a sua rede partidária, e para tanto foram utilizados jornais, filmes e livros. Teve início uma campanha anti-semita com a difusão de panfletos, (As palavras “judeu”, “mulato” e “negro” começaram a surgir com sentido depreciativo ou insultuoso), e cresceu o contrabando de armas e explosivos para oportunas sabotagens.

Os futuros partidários (**parteigenossen**) do Nazismo deviam alistar-se voluntariamente. Os que não aderiram de imediato eram apenas tachados de “hesitantes”. Aos poucos a ação dos nazistas foi se transformando num movimento de massa que, agora até pela força bruta, foi absorvendo esses “vacilantes”. Para isso muito concorreram as Escolas particulares alemãs, espalhadas pelo Rio Grande do Sul, que recebiam subvenções do governo alemão através do seu consulado. Controladas as escolas, catequizavam-se os alunos; e estes logo traziam os pais para o seio do Partido. Até na Igreja fazia-se doutrinação nazista. Sabe-se que vários pastores da Igreja Evangélica Alemã intercalavam trechos da Bíblia com a doutrina nacional-socialista.

A seguir, os agentes nazistas controlaram todas as sociedades recreativas, esportivas ou puramente beneficentes. O sistema empregado era o do “cavalo de tróia” (infiltração) ou “quinta-coluna”, isto é, os partidários pediam a inscrição nestas sociedades (ou já eram sócios) e o Partido pagava a jóia e as mensalidades. Quando chegavam a constituir maioria absoluta, convocavam uma assembléia, e após serem eleitos diretores, passavam a sociedade para a direção do Partido. Foi o que aconteceu com a antiga Sociedade dos Atiradores Alemães (**Deutscher Schuetzen Vereine**), com mais de 70 anos de existência na capital gaúcha. Assim, a maioria das sociedades teuto-brasileiras, em mãos dos nazistas, passaram a constituir uma federação denominada **Verband Deutscher Vereine** (Liga das Sociedades Alemãs) que, contra as leis brasileiras, tornou-se subordinada a **Verband Deutscher Vereine im Ausland**, de Berlim (Liga das Sociedades Alemãs no Estrangeiro), essencialmente nazista.

Como complemento da organização partidária existiram ainda no Rio Grande do Sul, a **Deutsche Arbeitsfront** (Frente Alemã do Trabalho), a **Arbeitsgemeinschaft der Deutschen Frau im Ausland** (União das Mulheres Alemãs no Estrangeiro), a **Bund Deutscher Maedchen im Ausland** (Sociedade de Moças Alemãs no Estrangeiro) e a **Deutschbrasilianischer Jugendring** (Juventude Teuto-Brasileira), cujos membros recebiam aperfeiçoamento na Alemanha.

Apesar da intensa campanha nazista, muitos alemães e descendentes de alemães das várias colônias do sul do Brasil, como de outros Estados, resistiram à investida do Partido Nacional-Socialista. Estes antinazistas contavam com o apoio da **Deutscher Voksblatt** (Gazeta do Povo Alemão), de Porto Alegre, que tudo fez para esclarecer a população dos perigos do Nazismo.

Em abril de 1938, o presidente Getúlio Vargas assinou decreto proibindo os partidos políticos estrangeiros de funcionarem no Brasil; submeteu a imprensa estrangeira à censura; e as escolas estrangeiras à fiscalização do Governo. Logo a seguir, o interventor federal do Rio Grande do Sul, Oswaldo Cordeiro de Farias, concitou a população de maioria alemã a ser exclusivamente brasileira, e assinou um decreto nacionalizando o ensino em seu Estado; o mesmo fez o interventor de Santa Catarina, Nereu Ramos, que combateu durante o proleto nazista.

Em 1940, a vasta rede tecida pelo Nazismo no Brasil foi finalmente desfeita com a prisão e expulsão de vários agentes nazistas, provocando espanto no Embaixador Alemão Karl Ritter, que não esperava essas medidas por parte do Governo brasileiro, que, na época, já estreitava suas relações com os Estados Unidos.

Por outro lado, muito embora o **Integralismo** ("o fascismo caboclo") de Plínio Salgado tenha sido acusado de entreguismo às emergentes potências do Eixo europeu, Alemanha e Itália, ao que parece a conspiração nazista, que se espalhou a partir do Rio Grande do Sul, não teve ligações com esse movimento nacionalista de direita que, em 11 de maio de 1938, deflagrou seu **putsch** contra o governo Vargas. (É de se notar que salvo as repercussões naturais na Itália e Alemanha, a imprensa internacional não deu maior destaque ao malogro do golpe integralista, que não era levado muito a sério).

Não se confirmou que os integralistas tivessem alguma vez perseguido à **Quinta Coluna** da espionagem nazista em terras brasileiras.